

UMA CRÍTICA DECOLONIAL E LIBERTÁRIA DO FILME “PANTERA NEGRA 2 – WAKANDA FOREVER”

Wallace de Moraes

Doutor em Ciência Política. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF), de História Comparada (PPGHC) e do Departamento de Ciência Política, todos da UFRJ. Membro do Quilombo do IFCS/UFRJ e líder do grupo de Pesquisa CPDEL/UFRJ (Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias).

Fui assistir ao filme “Pantera Negra 2 - Wakanda Forever”,⁷⁵ com grande entusiasmo, nutrido pela sua primeira edição. Lembro que nos círculos do movimento negro fazíamos o sinal dos braços cruzados e falávamos em Wakanda como parte de afirmação negra num mundo eurocentrado. Era tudo ficção, mas era um alento.

Em comum, as duas edições do filme apresentam a unidade entre avanço científico e tecnológico de uma sociedade africana imaginária de nome Wakanda. Segundo o enredo, essa seria a nação mais avançada tecnologicamente do mundo e que mantém suas tradições culturais de boa relação com a natureza. Ademais, mostra o protagonismo negro. Parece pouco, mas seria impensável há algumas décadas na indústria cinematográfica dos EUA. Em síntese, com vistas a colaborar para uma luta antirracista, existia considerável valor no filme e na história, embora saibamos que fosse fictícia.

O segundo filme apresentou enormes avanços e quebras de paradigmas, mas também retrocessos incomensuráveis. Analisarei o filme a partir da perspectiva decolonial e libertária de modo que possa servir de paradigma para alunos que queiram trabalhar com essa filosofia. Começemos pelos avanços.

Como aspecto positivo, vimos a homenagem ao protagonista do primeiro filme, Chadwick Boseman, que faleceu muito precocemente. Foi emocionante. Outro aspecto positivo foi a principal pesquisadora científica dos EUA ser uma estudante negra.

Normalmente, os filmes de Hollywood caracterizam-se por ratificar um binarismo de matriz militarista, igrejista e eurocêntrica, isto é, instituem a dicotomia: “mocinho” X “bandido”. Se incidirmos uma mirada de mais longo prazo, perceberemos que os mocinhos são homens brancos belos, corajosos que ditam moda (a partir do padrão de beleza eurocêntrico), acompanhados de belas mulheres brancas que admiram e ajudam, secundariamente, seus companheiros a atingir seus objetivos. Desta forma, os ideais racistas e patriarcais são divulgados. Por outro lado, o sentido da

75 Filme da Marvel dirigido por Ryan Coogler, que produziu o roteiro com Joe Robert Coler.

guerra entre bem X mal que molda o pensamento eurocêntrico cristão capitalista e Estadolátrico é transmitido pelas representações dos “bandidos”. Historicamente, esse modelo esteve a serviço dos interesses políticos e econômicos dos colonizadores. Assim, cada momento histórico marcou um tipo específico de inimigo retratado nos cinemas: indígenas, negros, latinos, russos, alemães/japoneses, chineses, árabes, cubanos, afegãos, indianos, vietnamitas, comunistas, anarquistas, revolucionários, membros das comunidades LGBTQIAP+, defensores da natureza em detrimento dos lucros, e chegam ao seu padrão máximo quando elegem alienígenas para esse papel. Em suma, o bandido é o outro, aquele que atenta contra os interesses imperialistas estadunidenses, o dissidente, o avesso do modelo branco, patriarcal, capitalista ocidental (europeu/estadunidense), igrejista (judaico-cristão), militarista, Estadolátrico. Na condição de “os outros”, são extermináveis.

No caso de Pantera Negra 2, o enredo rompeu apenas com alguns desses paradigmas. Os “mocinhos” foram lindas mulheres negras que protagonizaram e conduziram Wakanda e seu povo para a vitória. Contabilizei cinco delas como as heroínas da história, assumindo, inclusive, o papel de pantera negra que fora disputado na primeira versão do filme por dois homens negros. Em uma sociedade racista e patriarcal foi uma opção extraordinária que representa justamente a possibilidade de um dos extratos mais oprimidos da sociedade moderna capitalista assumir o protagonismo. Nesse aspecto, foi uma enorme vitória.

Não obstante, o enredo de Pantera Negra 2 apresenta alguns sérios problemas para quem comunga da perspectiva decolonial e libertária. O primeiro deles consiste na reprodução da dicotomia entre bem X mal, materializada no desenrolar de uma guerra entre indígenas e africanos. Quando estive em universidades dos EUA, percebi que negros e latinos (muitos descendentes de indígenas) tinham seus próprios clubes e festas separados e praticamente não se misturavam. Vislumbrei essa perspectiva no filme. Daí a importância de entendermos sobre quem dirige (negros) e quem financia (brancos e suas instituições hegemônicas). Além disso, os colonizadores, que seriam os verdadeiros inimigos de ambos, só foram atacados pelos “indígenas”, mas curiosamente protegidos pelos wakandanos. No enredo, os brancos querem tomar o “vibranium” que proporciona superpoderes para ambos, mas saem ilesos, pois começa uma luta fratricida entre indígenas e africanos. Essa guerra leva à vitória dos africanos sobre os descendentes de indígenas, mas subliminarmente é a vitória dos brancos que foram protegidos pelos africanos da saga vingativa dos indígenas. De maneira nada irrisória, o reino de Wakanda apresenta uma certa passividade com relação aos colonizadores, mostrando como seu principal aliado um agente branco da CIA. O pior

cenário que um filme que retratasse um suposto poder de um povo africano seria o encaminhamento de uma oposição entre os oprimidos, enquanto os colonizadores saem ilesos.

Em suma, sob uma perspectiva teórica decolonial a mensagem foi péssima, pois tudo que os decoloniais propõem é a aliança entre diferentes povos indígenas e africanos, juntos com suas mulheres, as comunidades LGBTQIAP+ e os trabalhadores explorados em geral na luta contra as colonialidades, ou seja, o poder dos colonizadores, capitalistas, racistas e governos imperialistas, como o dos EUA.

Sob uma perspectiva libertária, ainda podemos incluir a crítica à sociedade marcada por um reino que necessariamente estabelece a dicotomia entre governantes e governados. Obviamente, compreende-se aqui, como algo fundamental, a luta contra as instituições que impuseram o colonialismo e o garantem até hoje como: Estado, igrejas e reinos. Isto é, sob uma direção decolonial e libertária, o povo de Wakanda poderia exercer o autogoverno. Assim sendo, estaria amplamente reverenciado nas práticas realizadas pela ampla maioria dos povos africanos, antes do processo de colonização. Por conseguinte, mostraria que é possível viver absolutamente diferente das formas com as quais os Estados europeus se impuseram sobre suas comunas independentes de seu próprio território e sobre os povos indígenas, africanos e asiáticos. Poderia ter mais ajuda mútua, mutirões, partilhas, debates, festas, confraternizações e menos guerra, menos armas, menos sangue, menos exercício de poder e expressão do militarismo.

Todavia, a opção foi colocar povos africanos e indígenas como inimigos em um contexto de hegemonia branca ocidental. Foi no mínimo uma infelicidade de seus idealizadores. Sua lógica foi a de disputa pelo poder que reconheceu como legítimas o militarismo, a guerra e a opressão, o capitalismo, o poder dos colonizadores.

Como negro (mas também descendente de indígenas), não sai nada feliz do cinema com a suposta vitória na guerra dos wakandanos. Não me sinto contemplado com a supremacia sobre outros colonizados como nós. Sentiria felicidade nas alianças com todos os oprimidos e explorados. Por isso, tenho orgulho de defender uma perspectiva decolonial e libertária.

A luta entre indígenas e africanos com vitórias destes, subjugando aqueles, só interessa a uma perspectiva mesquinha e igualmente nacionalista como a do eurocentrismo.

Por fim, espero acreditar que nos próximos filmes esses problemas sejam resolvidos e que finalmente a união tão esperada entre os oprimidos, povos colonizados, seja realizada tanto no cinema quanto na realidade. Que venha 2023!